
Uma ponte para Terebin

WIERZCHOWSKI, Letícia.
Uma ponte para Terebin. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Regina Weber*

É difícil fazer elogios a alguém sem criticar outrem. É difícil dizer que surgiu algo que parecia que “faltava” sem especular porque outros não fizeram antes. Como elogiar a obra de Letícia Wierzchowski: *Uma ponte para Terebin*, sem referir que os intelectuais descendentes de poloneses no Brasil não têm uma produção bibliográfica comparável à dos descendentes de alemães, italianos ou judeus ou sem repetir as justificativas apresentadas – advindas das adversidades enfrentadas pela Polônia ante a truculência das nações vizinhas – para uma afirmação identitária menos enfática por parte dos poloneses que emigraram? Vamos inverter a pergunta: seria necessário fazer tais referências? É mister que as pessoas e os grupos sociais se definam por uma identidade étnica, justamente num mundo onde são muitas as identidades passíveis de opção por parte dos indivíduos e onde o estado nacional já provê, a cada pessoa que nasce em seu território, uma identidade?

Como exercício de liberdade de pensamento, podemos responder “não” à conjectura acima, mas o mundo social não se move por lógicas de autonomia, e as identidades sociais podem não ser definidas apenas de dentro para fora, mas também de fora para dentro. Assim num contexto multiétnico, é preciso saber não apenas a história de um grupo, mas quais são os seus vizinhos no momento em que se trava o jogo identidade/

* Doutora em Ciências Sociais (Antropologia Social) no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora no Departamento de História e no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGRS).
E-mail: reginaw@terra.com.br

alteridade. No Rio Grande do Sul do século XX, alemães, italianos e poloneses, que ocuparam lotes de colonização no norte do estado, a partir do século XIX, passaram a compor uma tríade aos olhos daqueles que já estavam aqui e que não possuíam muita disposição para distinguir as diferentes procedências regionais, a freqüente divergência entre passaporte e identidade, as diferenças entre a imigração urbana e a rural e o significado da história pregressa dos imigrantes. No senso comum rio-grandense, os poloneses passaram a ser vistos pela comparação com os seus pares, os alemães e italianos, e os países de origem contavam pelo poderio das nações no presente e pelos laços contemporâneos que esses países mantinham com o Brasil.

Fazendo o leitor acompanhar a trajetória de seu avô, Letícia Wierzchowski mostra imagens por um foco bem diferente. É certo que Jan Wierzchowski não é um personagem que represente o padrão de imigrante: emigrou na década de 30 e não no século XIX, estando, portanto, ainda muito ligado à Polônia quando essa foi invadida pela Alemanha; não se tornou um “colono” (agricultor em lotes coloniais) no Rio Grande do Sul, permanecendo em uma região de colonização o tempo suficiente para se casar com uma descendente de poloneses, e, sobretudo, possuía conhecimentos técnicos que lhe permitiram empregar-se na capital logo que aí chegou. Mas são justamente essas circunstâncias que permitem à escritora conectar o personagem e sua família de origem à história da Polônia no século XX, desde a Primeira Guerra Mundial. O cotidiano de uma família de pequenos proprietários rurais aparece entrelaçado com guerras, invasões, bombas, prisões, morte, fome e sobrevivência. Em *Uma ponte para Terebin*, os poloneses não aparecem pelo que eles não são entre os gaúchos, mas pelo que foi a história de um dos povos mais sacrificados desde o surgimento dos modernos Estados Nacionais, e o leitor é motivado a compreender por que o personagem principal deixa a mulher e o filho brasileiros para ir lutar numa guerra que não era do país que escolhera para viver, mas daquele que deixara.

Justamente por fazer o leitor olhar os poloneses de outra forma, o livro de Letícia Wierzchowski contém um potencial muito grande de afirmação étnica, seja para os próprios descendentes de imigrantes poloneses quanto para os “outros”. Obviamente, não se pode deixar de observar que os reconhecimentos literário e midiático obtidos pela autora contribuíram para que esse efeito fosse ainda maior. Não obstante a autora ter declarado em entrevistas que pretende contribuir para tornar

a “saga” polonesa mais conhecida, a vantagem do romancista sobre o historiador é que nada precisa ser explicitado em prefácios e introduções, deixando que a obra realize a magia através da arte.

A leitura do romance de Wierzchowski nos reporta a um artigo de Peter Burke, no qual ele se situa no debate em torno do “renascimento da narrativa”, argumentando que é antigo entre os historiadores o conflito entre narrativa e estrutura. Em outras palavras: deve o historiador narrar os acontecimentos ou analisar as estruturas? Propondo escapar ao confronto entre “narradores” e “analistas”, Burke argumenta que a leitura de alguns escritores modernos pode sugerir soluções para os historiadores. Mesmo reconhecendo que “os historiadores não são livres para inventar seus personagens, ou mesmo as palavras e os pensamentos de seus personagens, além de ser improvável que sejam capazes de condensar os problemas de uma época na narrativa sobre uma família, como freqüentemente o fizeram os romancistas” (BURKE, 1992, p. 340), Burke acredita que algumas técnicas literárias como visões retrospectivas (histórias que se movimentam para frente e para trás), cortes que alternam entre o mundo público e o privado, apresentação do mesmo acontecimento a partir de pontos de vista diferentes e a alternância entre cena e história, podem, quando utilizadas de forma não superficial, “ajudar os historiadores em sua difícil tarefa de revelar o relacionamento entre os acontecimentos e as estruturas e apresentar pontos de vista múltiplos”. (BURKE, 1992, p. 348).

Seguindo o raciocínio de Burke, pode-se dizer que *Uma ponte para Terebin* soma as habilidades do ofício do romancista e do historiador, produzindo um romance histórico em cujo público de apreciadores certamente estarão muitos historiadores. Lá estão as liberdades do escritor de imaginar os pensamentos e os diálogos dos personagens, de descrever as emoções humanas de alegria, tristeza, medo, angústia e desejos. Mas lá também estão documentos públicos e privados, buscados, recolhidos, traduzidos e interpretados com a paciência do historiador. Lá está a pesquisa de contextos históricos locais e mundiais: a Polônia da primeira metade do século XX, a Segunda Guerra Mundial, as levas emigratórias, os núcleos de imigrantes no Rio Grande do Sul, o mercado de trabalho fabril de Porto Alegre, a vida associativa de imigrantes poloneses. Nossos livros de história citam cifras de mortos e feridos, mas a crueza de uma guerra não é mais bem retratada pela verossímil descrição de tanques que esmagam cadáveres insepultos no barro? Movendo-se no tempo para lá e para cá, alternando entre o prosaico mundo doméstico de uma

dona de casa e os enfrentamentos nas batalhas na Europa, ao mesmo tempo em que cita extratos de cartas convertidas em fontes inéditas, que são os documentos mais cobiçados por qualquer historiador, a romancista produz uma obra com ferramentas de historiador, mas que a esses é vedado escrevê-la. Resta-nos usufruir do texto e aprender um pouco com ele.

Referência

BURKE, Peter (Org.). A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: _____. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1992. p. 327-348.

Resenha recebida em agosto de 2007. Aprovada em outubro de 2007.